



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/09/2024 e 19/09/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
13/09/2024	9,86	315,40	40,69	5,71	3,90
16/09/2024	10,04	320,10	39,75	5,78	4,10
17/09/2024	10,06	318,00	40,55	5,75	4,12
18/09/2024	10,14	317,90	40,99	5,75	4,12
19/09/2024	10,13	319,90	41,75	5,65	4,05
Média	10,05	318,26	40,75	5,73	4,06

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	120,00	
RS – Não Me Toque	120,00	
RS – Londrina	122,00	
PR – M.C.Rondon	122,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	128,00	
GO - Rio Verde	123,00	
BA – L.E.Magalhães	121,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	57,00	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Londrina	53,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	51,00	
GO – Jataí	51,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	80,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 18/09/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 19/09/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,33	123,52	69,41

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
19/09/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	114,90
Feijão (saco 60 Kg)	322,22
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,70
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,62**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,83

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, considerando o primeiro mês cotado, voltaram a ficar acima dos US\$ 10,00/bushel durante esta semana. O fechamento desta quinta-feira (19) atingiu a US\$ 10,13, contra US\$ 9,91 uma semana antes.

A colheita da soja, nos EUA, se iniciou na semana passada, sendo que 6% da área já havia sido colhida até o dia 15/09, contra a média histórica de 3%. Quanto às condições das lavouras que restavam ser colhidas, 64% estavam entre boas a excelentes, 25% regulares e 11% entre ruins a muito ruins. No ano anterior, as lavouras em boas a excelentes condições atingiam a 52% na mesma época.

Por outro lado, na semana encerrada em 12/09 os embarques estadunidenses de soja chegaram a 401.287 toneladas, somando 674.581 toneladas neste novo ano comercial dos EUA, iniciado em 1º de setembro (ano 2024/25).

Já o esmagamento de soja nos EUA, no mês de agosto, ficou bem abaixo do esperado pelo mercado, segundo a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas (NOPA). O mesmo recuou para apenas 4,3 milhões de toneladas trituradas, sendo o menor volume desde setembro de 2021. Isso representou uma queda de 13,6% sobre o esmagado em julho e de 2,1% sobre o esmagado em agosto do ano passado. Com isso, os estoques de óleo de soja, nos EUA, caíram para uma mínima de 10 meses no dia 31/08.

E no Brasil os preços se mantiveram relativamente estáveis. A alta em Chicago acabou sendo eliminada pela revalorização do Real, que chegou a bater em R\$ 5,42 por dólar na semana, especialmente após o anúncio da elevação da Selic para 10,75% ao ano. Assim, a média gaúcha fechou em R\$ 123,52/saco, porém, as principais praças locais trabalharam com R\$ 120,00. Nas demais regiões nacionais os preços oscilaram entre R\$ 118,00 e R\$ 128,00/saco.

O plantio da nova safra de soja iniciou, timidamente, apenas em algumas áreas irrigadas do Mato Grosso especialmente. Ocorre que a umidade do solo no Mato Grosso e no Paraná, dois dos três maiores Estados produtores de soja do Brasil, está no menor nível em 30 anos, o que não traz condições favoráveis ao plantio da oleaginosa, por enquanto.

E o Brasil, diante de compromissos de exportação, assumidos sobre a expectativa de uma safra recorde que não ocorreu, e, portanto, de uma menor colheita na última safra, continua aumentando as importações da oleaginosa. Entre janeiro e agosto o volume total atingiu a 802.452 toneladas, ou seja, 703% acima do registrado no mesmo período do ano passado. (cf. Secex) O preço FOB do produto importado está 20% menor se comparado aos mesmos oito meses do ano passado. A expectativa é que o Brasil encerre 2024 com o recorde importado em soja de até 1,7 milhão de toneladas. (cf. Pátria Agronegócios)

Haveria ainda cerca de 33 a 35 milhões de toneladas de soja disponíveis no país, porém, produto este que, em sua maioria, não vem sendo comercializado pelos produtores. Quem ainda possui soja estaria segurando o produto esperando um melhor preço no próximo ano, algo que está longe de ser garantido. Do total importado pelo

Brasil nos oito primeiros meses do ano, 99,3% veio do Paraguai. No ano passado foram 91% do Paraguai e 8,7% do Uruguai (cf. Pátria Agronegócios e Secex). Os dois Estados que mais importaram soja foram o Paraná e o Rio Grande do Sul, repetindo o ocorrido em 2023. Para muitos, “o mercado doméstico brasileiro agora sofre com a escassez por dificuldade de planejamento prévio diante da redução de safra observada neste último ciclo 2023/2024”. (cf. Pátria Agronegócios)

Por outro lado, as exportações brasileiras de soja já chegam a 83,4 milhões de toneladas, superando em 3,2% o exportado no mesmo período do ano passado, sendo que 73% deste total foi para a China. (cf. Secex) Esta realidade está mantendo os prêmios, nos portos brasileiros, acima de US\$ 1,00/bushel neste restante de semestre, fato que ajuda a manter os preços internos nos atuais níveis. Mas atenção: para o início da próxima colheita (fevereiro e março 2025) os prêmios já estão em apenas US\$ 0,30/bushel, tomando Paranaguá como referência.

Por sua vez, a Abiove está estimando que o esmagamento de soja, em 2024, venha a ser de 54,5 milhões de toneladas no Brasil, contra 54,1 milhões no ano passado e 50,9 milhões de toneladas em 2022.

Em tal contexto, a tendência é de finalizarmos o corrente ano com os menores estoques de passagem dos últimos 20 anos. Isso, se não ocorrer uma safra cheia na próxima colheita, poderá reverter a tendência baixista de preços que existe para o primeiro semestre de 2025. Mas o quadro, por enquanto, é mais baixista do que altista para os preços da soja nacional.

Muitos analistas, diante do exposto, ainda consideram muito arriscado segurar a soja para o próximo ano, devendo os produtores aproveitarem os momentos atuais para comercializar dentro da construção de uma média de preços.

Enfim, ainda o clima vem sendo o elemento central de observação do mercado, tanto nos EUA quanto, e especialmente, aqui na América do Sul e particularmente no Brasil, pois esperam-se chuvas adequadas, no Centro-Oeste e Sudeste brasileiros, somente a partir de outubro.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado para o cereal, em Chicago, voltou a superar os US\$ 4,00/bushel, após 35 dias úteis abaixo deste patamar naquela Bolsa. O fechamento desta quinta-feira (19) ficou em US\$ 4,05/bushel, contra US\$ 3,86 uma semana antes. Lembrando que nos dias 17 e 18/09 o bushel chegou mesmo a US\$ 4,12.

Dito isso, a colheita do milho, nos EUA, atingia a 9% da área no dia 15/09, contra 6% na média histórica. Das lavouras a serem colhidas, 65% estavam em condições entre boas a excelentes, 23% regulares e 12% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, os EUA embarcaram 521.118 toneladas de milho na semana encerrada em 12/09. Assim, em todo ano comercial 2024/25, iniciado em 1º de setembro naquele

país, o volume embarcado soma 992.629 toneladas, contra mais de 1,3 milhão em igual momento do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho continuam com uma lenta progressão, a partir de uma safrinha menor do que o esperado. Com isso, a semana registrou valores entre R\$ 42,00 e R\$ 60,00/saco nas diferentes regiões do país. Nota-se um aumento de preço em regiões do Mato Grosso, como Campo Novo do Parecis onde, há pouco tempo, o preço estava ao redor de R\$ 36,00 a R\$ 37,00/saco e, agora, alcança os R\$ 42,00. Já no Rio Grande do Sul a média subiu para R\$ 59,33/saco, embora as principais praças tenham registrado R\$ 57,00.

No entanto, no interior das regiões produtoras os preços do cereal estão longe de atrair os produtores diante dos atuais custos de produção. No Mato Grosso, por exemplo, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), diante de um preço ponderado do milho, para a safra 2024/25, de R\$ 37,91/saco, este patamar cobre apenas as despesas do custeio da lavoura. Faltaria ainda todo o custo fixo, além da margem de ganho do produtor. O custo total, portanto, seria de R\$ 54,38/saco. Ou seja, para cobrir o custo total, considerando o preço ponderado praticado, estaria faltando ainda R\$ 16,47/saco, considerando uma produtividade média de 113,4 sacos/hectare.

Pelo lado da exportação, a Secex informou que nos primeiros 10 dias úteis de setembro o país vendeu 3,08 milhões de toneladas de milho, com a média diária ficando 29,7% abaixo da registrada em todo o mês de setembro do ano passado. Há forte preocupação quanto ao fato de o Brasil não conseguir exportar o suficiente para escoar seus estoques de maneira a permitir uma reação dos preços ao produtor. Aliás, isso vem fazendo com que os mesmos repensem a área a ser semeada com o cereal, em linha com o que se verifica na Argentina.

Em julho o país já exportou menos do que o esperado. Agosto foi encerrado com quase um milhão de toneladas a menos do que o esperado e setembro está com confirmações menores do que o aguardado. E o último relatório da Conab indica apenas 30 milhões de toneladas exportadas, quando a expectativa do mercado é de, pelo menos, 40 milhões e, mesmo assim, ainda sobraria um estoque de milho muito alto. (cf. Royal Rural)

Aliás, a Conab deu por finalizada a colheita da safrinha brasileira, com a mesma atingindo a 90,2 milhões de toneladas, contra 102,4 milhões no ano anterior. Com isso, a produção total brasileira de milho, em 2023/24, ficou em 115,7 milhões de toneladas, contra 131,9 milhões no ano anterior. Ou seja, a safra nacional de milho, em 2023/24, teria sido 12,3% menor do que a registrada um ano antes. Isso representa 16,2 milhões de toneladas a menos. Quanto ao plantio da nova safra de verão 2024/25, o mesmo chegava a 12% da área esperada, em 15/09, contra 15% no mesmo período do ano anterior.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, subiu um pouco mais nesta semana, com o fechamento da quinta-feira (19) ficando em US\$ 5,65/bushel, após US\$ 5,63 uma semana antes. Lembrando que no dia 16/09 o mesmo atingiu a US\$ 5,78.

A colheita do trigo de primavera, nos EUA, no dia 15/09, atingia a 92% da área, contra 90% na média histórica. Por sua vez, o plantio da nova safra do trigo de inverno, naquele país, atingia a 14% da área, contra 13% na média histórica na mesma data.

Dito isso, os EUA embarcaram 556.901 toneladas de trigo na semana encerrada em 12/09. Em todo o atual ano comercial do cereal, nos EUA, iniciado em 1º de junho passado, o volume exportado chega a 6,9 milhões de toneladas, contra um pouco mais de 5,1 milhões em igual momento do ano anterior.

Por sua vez, a semana iniciou sob efeito da guerra Rússia x Ucrânia, iniciada ainda em fevereiro de 2022. Novos ataques da Rússia contra navio graneleiro ucraniano, carregado com trigo a caminho do Egito, aumentou a tensão no mercado. O ataque aconteceu perto da Romênia, país membro da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), o que aumenta ainda mais as tensões entre as nações. "Este ataque eleva a insegurança nas águas do Mar Negro, o que pode aumentar os custos de frete e seguro, afastando os compradores da região. Caso isso se consolide, Brasil e EUA poderiam ser beneficiados com o aumento da demanda por milho. Os EUA também poderiam ter aumento da demanda de trigo, uma vez que produtores importantes, incluindo a França, Alemanha e a própria região do Mar Negro tiveram redução na produção desta temporada". (cf. Agrinvest Commodities)

Lembrando que a Rússia mantém elevado o seu potencial exportador de trigo, estando bastante competitiva no mercado internacional, e isso mesmo diante de uma expressiva redução em seu volume produzido de trigo em relação à safra anterior. No início deste mês, o cereal russo registrou preços de US\$ 201,75 por tonelada FOB no Mar Negro, contra, por exemplo, US\$ 210,00 da Ucrânia; US\$ 228,00 dos EUA; US\$ 234,00 da França, US\$ 243,00 da Alemanha e US\$ 260,00 da Argentina. A cotação atual russa também é a menor desde agosto de 2019, acumulando queda de 5,9% em relação ao mesmo período do mês passado e de 21% quando comparada ao mesmo momento do ano passado. E estes preços ocorrem mesmo com a safra de trigo russa estar estimada em 83 milhões de toneladas, volume 8,5 milhões de toneladas menor do que a safra 2023/24 e 9 milhões abaixo da produção recorde de 92 milhões em 2022/23. Como o consumo interno russo é estimado em 38,8 milhões de toneladas, o saldo exportável recuará de 51 milhões de toneladas para 44 milhões. Mesmo assim os russos seguem firmes no mercado exportador. (cf. Safras & Mercado)

E na França, o Ministério da Agricultura local voltou a reduzir a estimativa de produção de trigo macio local, ficando a mesma, agora, 27% abaixo do volume do ano anterior, sendo uma das piores colheitas dos últimos quase 40 anos junto ao maior produtor de grãos da União Europeia. O volume a ser produzido deverá atingir a 25,8 milhões de toneladas, sendo o menor desde 1986. Com isso, as exportações francesas de trigo para fora do bloco europeu deverão cair 61% em relação ao ano anterior, ficando em apenas 4 milhões de toneladas.

E no Brasil os preços, para o produto de qualidade superior, ficaram estáveis em R\$ 68,00/saco nas principais praças gaúchas, embora a média local tenha sido de R\$

69,41. Já no Paraná, as principais praças registraram valores entre R\$ 79,00 e R\$ 80,00/saco.

Quanto à colheita da nova safra, o Paraná registrava 34% da área colhida no início da presente semana, sendo que 30% das lavouras a colher apresentavam condições ruins. (cf. Deral) Já no Rio Grande do Sul a colheita ainda está distante.

Enfim, os preços do trigo no Brasil não avançam tanto como no mercado externo, neste momento, porque “além da baixa fluidez nas negociações, muitos contratos fechados por moinhos, no período de preços mais acessíveis para importação, estão sendo cumpridos nesse momento, o que torna o cenário desfavorável para as vendas internas”. (cf. Brandalitze Consulting)